

humanismo e o surto das belas-artes, pois são fundamentalmente uma explosão de vida, e por isso seu nível específico é o da renascença, com o acréscimo de vitalidade e de espírito ativista.

O Autor estuda os reflexos científicos e culturais dos descobrimentos, desde a visão épica à lamentação ética, as formas das variações mentais e morais, o deslumbramento patriótico, o pessimismo moral, o orgulho do feito nacional, a tendência à exaltação mítica. É uma psico-história do povo lusitano, e nenhum estudioso sério pode ficar indiferente ao conhecimento dos progressos culturais, das influências morais que os descobrimentos provocaram.

O livro revela um conhecimento seguro das idéias filosóficas, teológicas, morais, das ideologias que formam a mentalidade portuguesa da época dos descobrimentos. É importante notar o divórcio entre a filosofia e os descobrimentos, a distância entre os intelectuais oficiais de Coimbra e os intelectuais do descobrimento e da expansão, bem como as pressões e a ressonância que os descobrimentos exerceram no ensino científico e na mente religiosa. Os intelectuais progressistas têm em Luís de Camões, assim como em João de Barros, André de Resende, Diogo de Teive, Damião de Góis, as suas expressões mais notáveis, e o Poeta expõe, no Canto Sétimo de seu poema o contraste entre os portugueses e os outros povos. Não hesito em dizer que a historiografia de língua portuguesa tem, no professor J. S. da Silva, uma das suas expressões mais fortes e mais ricas, e esses seus dois livros representam um monumento incomparável de saber e de capacidade crítica e interpretativa.

JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES

* *

*

RICHE (Pierre). — *La vie quotidienne dans l'Empire Carolingien*. Paris. Hachette. 1973. 380 pp.

Pierre Riché empreendeu uma tarefa difícil: a de tentar reconstituir a vida quotidiana na época carolíngia. Como evocar o quotidiano da vida naquilo que existe de mais humilde, quando não dispomos de uma documentação muito rara e dispersa, essencialmente literária? O Autor começou por colocar o homem no seu quadro geográfico. Como seria esse imenso Império Carolíngio? A simples idéia da diversidade de povos, de línguas e de costumes que o compunham nos deixam pensativos. Como se ia de uma região para outra, se sabemos que as estradas eram raras e as antigas vias romanas eram ainda utilizadas e tidas como feitas pela rainha Brunehaute? Além disso, devemos levar em conta a pobreza da densidade demográfica. O mundo era hostil. Os homens, portanto, se reagrupam em aldeia, cidades monásticas, residências principescas e cidades.

Na sociedade carolíngia se defrontam dois grupos: de um lado, os poderosos aristocratas leigos e eclesiásticos, gravitando em torno da corte real, que, pela sua educação, seu gênero de vida, sua aptidão à guerra, suas riquezas, regem o Império; do outro lado, os camponeses livres ou servos, os mercadores, os judeus, dependendo muito de perto dos poderosos.

Os carolíngios estavam às voltas com os problemas da vida material. Era necessário explorar a terra para se alimentar dificilmente; os artesões rurais e urbanos fabricavam materiais com que se vestir, se equipar e se alojar.

A época carolíngia é tida como de renascimento intelectual e religioso. As escolas e os *ateliers* dos escribas foram a origem da renovação. Os *clercs* e os monges tinham o monopólio da cultura. Eles educam os aristocratas leigos e asseguram a “salvação” do povo. Toda a vida religiosa é centralizada na prece litúrgica.

Os carolíngios vivem dificilmente em consequência das guerras e da peste. Devem procurar protetores: primeiramente o rei, supremo juiz, mas também os grandes, e enfim a Igreja. Eles têm, além disso, de recorrer à proteção dos santos, honrando as relíquias e fazendo peregrinações. Esses são os principais aspectos do livro que é uma bela síntese da vida quotidiana no período carolíngio.

E. S. P.

* *
*

SODRÉ (Nelson Werneck). — *Síntese de história da cultura brasileira*. Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1972. 136 pp.

Mais um trabalho de Nelson Werneck Codré — publicado em 1970 e reeditado no ano passado — a ser acrescentado à sua vastíssima produção como escritor. *Síntese de História da Cultura Brasileira*, no entanto, embora nos traga de volta a velha discussão em torno da obra de Sodré, tem alguns traços particulares que fazem-no digno de um interesse especial: inicialmente, nele Sodré se debruça sobre o presente, considerado a partir das limitações que ultimamente se vem impondo à produção intelectual e artística em nosso país; em segundo lugar, porque aborda, embora sem fugir aos moldes de seus trabalhos anteriores, um tema altamente controvertido, cujo campo de estudo atravessa, em nossos dias, grave crise metodológica que se reflete na quase totalidade dos trabalhos que enfocam temas ligados à história da cultura (no sentido que o autor dá à palavra), das idéias, mentalidades, ou outras denominações que se prefira utilizar.